**AS CARTAS EM “CORREIO DA ROÇA” (1913) E “CLARISSA” (1933): A DIMENSÃO EDUCATIVA DO IMPRESSO**

Gabrielle Carla Mondêgo Pacheco Pinto (UERJ)

Michele Ribeiro de Carvalho Cassano (UNIFESP)

Nathalia Araújo Duarte de Gouvêa (UERJ)

Neste estudo examina-se a dimensão educativa dos romances *Correio da roça* (1913), de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), e *Clarissa* (1933), de Erico Veríssimo (1905-1975), a partir da observação da escrita epistolar contida nos impressos. Neste sentido, busca-se contemplar não apenas a notória atuação de Júlia Lopes de Almeida e Erico Veríssimo na literatura da primeira metade do século passado, mas também as estratégias narrativas por eles utilizadas na elaboração dos romances. Para tal, estabelece-se diálogo com os estudos de Telles (2012), Carvalho (2021) e Gomes (2004), para citar parte do arcabouço teórico; e os preceitos de Ferreira (2015) e Chartier (2012), no que tange a metodologia eleita. No tratamento das fontes, verifica-se elementos da escrita epistolar como forma de educabilidade. Assim, espera-se que este trabalho contribua para os estudos acerca da História da Educação, da História da escrita feminina e da História da Literatura Brasileira.

Palavras Chaves: *Correio da roça* (1913); *Clarissa* (1933); escrita epistolar; dimensão educativa do impresso.

Este estudo, fundamentado em duas pesquisas de doutorado concluídas, examina a dimensão educativa dos romances *Correio da roça* (1913) e *Clarissa* (1933), a partir da observação da escrita epistolar contida nos impressos. Neste sentido, busca-se contemplar não apenas a notória atuação de Júlia Lopes de Almeida e Erico Veríssimo na literatura da primeira metade do século passado, mas também as estratégias narrativas por eles utilizadas na elaboração de seus escritos. Para tanto, estabelece-se diálogo com os estudos de Telles (2012), Carvalho (2021) e Gomes (2004), para citar parte do arcabouço teórico; e os preceitos de Ferreira (2015) e Chartier (2012), no que tange a metodologia eleita.

A escolha por esses dois autores se mostra fecunda ao refletirmos a escolha pela escrita epistolar em suas narrativas, pois tanto Júlia Lopes de Almeida quanto Veríssimo incluíram essa forma de escrita de si em suas obras a fim de criar, em certa medida, uma sensação de proximidade emocional entre leitor e personagens.

Júlia Lopes de Almeida atuou em diversas frentes, produzindo gêneros variados. Sua bibliografia soma mais de 30 volumes e sua ampla atuação na imprensa brasileira - além de alguns periódicos internacionais - lhe garantiu um lugar de destaque na *intelligentsia* brasileira. Destacou-se por ter vivido da pena, especialmente pelos lucros obtidos com sua obra. Indica-se que os ganhos com as tiragens da 1ª edição de *Cruel amor* (1911) permitiram que a família viajasse para Paris, em 1925 (Eleutério, 2005; Telles, 2012).

Revela a historiografia da escritora que *Correio da roça* integra, ao lado de *A árvore* (1916) e *Jardim florido* (1917), o chamado “apostolado rural” - fase de sua escrita em que a natureza e a mata recebem destaque. Em linhas gerais, as narrativas defendem a integração das mulheres à natureza de forma prática, ao sugerir que plantem, cuidem e aprendam sobre o meio que as cercam (Pinto, 2023).

A narrativa em *Correio da roça* se desdobra através da troca de cartas, especialmente entre as personagens Maria e Fernanda. Segundo a própria escritora, trata-se de uma coleção de ensinamentos oferecidos às leitoras. No volume, Júlia Lopes de Almeida apresenta, através da figura de Fernanda, uma elucidação daquilo que considera aprazível para a educação das meninas, filhas de Maria: uma educação agrícola. A própria Júlia Lopes, em sua coluna “Dois dedos de prosa”[[1]](#footnote-1), faz referência às propostas encontradas em *Correio da roça*, revelando preocupação com uma educação para as crianças, bem como o manejo da vida no campo como uma atividade possível para as mulheres.

Já Erico Veríssimo, entre os anos de 1933 a 1940, escreveu romances cuja personagem principal era a jovem Clarissa, cujo primeiro título foi escrito em “quinze tardes de sábado e uma boa dúzia de domingos, feriados e dias santos” (Veríssimo, 2011, p. 12), demonstrando como seu início de carreira mesclava atividades na Editora do Globo e a escrita de seus livros.

No periódico *Diário da Manhã* (PE), Jorge Amado afirma: “É deliciosa a historia de Clarissa, que o sr. Erico Veríssimo narra nessa novella que sahiu numa *Collecção Globo* entre livros policiais e livros de aventuras”. Entre críticas a coleção de livros escolhida para abrigar a obra e reflexões acerca da “bravura gaúcha”, Amado define que Erico Veríssimo “realizou completamente a sua novella”, chegando mesmo a “commover a gente, o desgraçado” (26 de ago. de 1934, p. 13). Outro periódico a dedicar uma coluna à novela em tela foi o *Boletim de Ariel* (RJ), que afirma que a história de Clarissa é apresentada “numa graciosa edição da Livraria do Globo”, e que não deveria ser “abandonada por Erico Veríssimo, um escriptor que, desde já, tem um lugar seguro nas nossas letras” (jan. de 1934, p. 92).

Angela de Castro Gomes explicita diversos aspectos da escrita de si chamando a atenção ao fato de haver crescente interesse por esse gênero de escritos biográficos e autobiográficos ao longo dos últimos séculos e defende que tal fato se dá por conta da transformação do conceito de “cidadão moderno, dotado de direitos civis (no século XVIII) e políticos (no XIX)” (Gomes, 2004, p. 11); e as diversas consequências que a constituição desse individualismo moderno traz para a “incorporação de novos objetos à sua prática historiográfica” (p. 14).

A escrita de correspondência permeia “a construção de novos códigos de relações sociais de intimidade” e “constitui, simultaneamente, o sujeito e seu texto.” E são esses sujeitos que vão estabelecer as relações, a interação entre os indivíduos. Assim, afirma a autora que a escrita epistolar é “uma prática eminentemente relacional e, no caso das cartas pessoais, um espaço de sociabilidade privilegiado para o estreitamento (ou o rompimento) de vínculos entre indivíduos e grupos.” (Gomes, 2004, p.24). Neste sentido, a escrita epistolar em *Correio da roça* e *Clarissa* funciona como uma forma de estreitamento da relação entre autor e escritor.

Já Marisa Lajolo (2002) especula sobre as “relações entre gêneros literários e usos sociais da linguagem”, ao observar uma construção literária que “vai, ao mesmo tempo mimetizando & apagando a mimese das situações que inspiraram sua produção” (p. 63). A partir dessa reflexão, podemos adicionar a percepção de Gomes de que a literatura epistolar também tem um outro aspecto de educabilidade, o de demonstrar as convenções e fórmulas do gênero tão usado desde “a datação, o tratamento, as despedidas e a assinatura” (Gomes, 2004, p. 20-21).

Desta maneira, entende-se que a presença das cartas não apenas produz efeito “acolhedor”, mas também opera como uma estratégia para disseminação de determinados preceitos, como é o caso de narrativa de Júlia Lopes de Almeida; ou para evidenciar determinados aspectos da vida em sociedade, notadamente expressos no texto de Veríssimo.

As cartas trocadas entre Maria, recém enviuvada e mãe de 4 filhas, que passa a residir em uma fazenda abandonada no campo, e a amiga Fernanda, que mora no Rio de Janeiro, fazem alusão a aspectos constantes na obra de Júlia Lopes: a apologia ao trabalho e ao crescimento pessoal da mulher por meio da educação.

É através dos conselhos da amiga da cidade grande que Maria vai, aos poucos, desenvolvendo as atividades na fazenda ao lado das filhas. Apesar de sua resistência e desânimo com a vida no campo, os ensinamentos da amiga Fernanda são acolhidos por ela, que entende, por fim, que o trabalho é o remédio “para todas as agonias e deslalecimentos morais” (Almeida, 2014, p.75).

Na escrita de Veríssimo, muitos foram os recursos e técnicas empregados, e as cartas se mostraram um elemento de grande importância por auxiliarem o escritor a compor o íntimo das personagens, além de introduzirem questões históricas e sociais na narrativa. Era por meio da escrita epistolar que o autor revelava o caráter, a índole e as intenções de suas personagens.

Em *Clarissa*, as cartas são trocadas entre mãe e filha, servindo para diminuir a saudade que a protagonista sente de casa sempre que se afasta a fim de estudar e se preparar para a docência, além de introduzir apontamentos sobre os problemas sociais da década de 1930. Não raro, a mãe da jovem se mostra preocupada com os símbolos urbanos; já as cartas de Clarissa para a mãe demonstram a preocupação da jovem em praticar aquilo que aprendeu na escola, procurando empregar a língua portuguesa corretamente.

As ponderações de Pallares-Burke (1998) alertam-nos para o potencial educativo de outros dispositivos, tal qual as cartas, por conterem um “currículo oculto que dissemina e organiza informações, cria valores, atitudes e ideias sobre uma multiplicidade de temas” (p. 145). No caso dos romances, notadamente de valor formativo, essa dimensão educativa fica mais evidente.

Apesar de não ter exercido o magistério, a bibliografia de Júlia Lopes é permeada por textos que compreendem formas de educabilidade para as mulheres, notabilizando a dimensão educativa de seus discursos. No caso dos romances, como *Correio da roça*, sublinha-se o caráter formativo de sua escrita, já que aborda temas em voga para as mulheres de seu tempo - a educação e o trabalho.

Ademais, como bem salienta Ferreira (2015), a literatura pode indicar uma representação coletiva de determinado espaço-tempo. Isto posto, podemos pensar em *Correio da roça* como um retrato da sociedade da época, quando o cotidiano no campo era pouco valorizado (Molina, 2019). O mesmo ocorre em *Clarissa*, já que aspectos do cotidiano são revelados através das cartas trocadas entre a personagem e sua mãe.

Na obra de Erico Verissimo a epístola surge em certos momentos para nos revelar o que há de mais secreto na vida íntima das personagens, em outros, apresenta-nos sinais importantes para a compreensão do contexto histórico representado. O escritor procura aplicar na sua obra técnicas que sirvam para sustentar a trama e fortalecer a verossimilhança; entre estas, o método epistolar se mostra ao lado do entrecruzamento de perspectivas, do fluxo de consciência, da preocupação com questões sociais do regionalismo e do impacto de grandes eventos históricos sobre personagens comuns.

Assim, os leitores destas obras assumem a posição de *voyeur/euse* (Lajolo, 2002) que, na prática da leitura, podem acompanhar no artifício epistolar “as suas dimensões pedagógicas” (p.74). Neste sentido, a tomada das cartas como uma via de formação educativa do leitor muito se converge com a própria tomada dos romances como representação coletiva de um determinado tempo.

Por fim, espera-se que este trabalho contribua para os estudos que privilegiam a escrita epistolar, a escrita feminina, a História da Literatura Brasileira e a História da Educação.

**Referências**

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Correio da roça*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2014.

AMADO, Jorge. Diário da Manhã. Pernambuco, 26 de ago. de 1934, p. 13.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil - 1900*. 3a ed. Rio de Janeiro: José Olympio, Departamento de Cultura da Guanabara, 1975.

CARVALHO, Michele Ribeiro de. *Erico Veríssimo e a Biblioteca de Nanquinote: um projeto para a “petizada” brasileira (1936-1949)*. 2021. 262 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Trad. de Maria Manuela Galhardo - 2ª ed. Lisboa: Difusão Editora, 2002.

Boletim de Ariel, Rio de Janeiro, jan. de 1934, p. 92.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. *Vidas de romance: as mulheres e o exercício de ler e escrever no entresséculos (1890-1930)*. Rio de Janeiro: TopBooks, 2005.

FERREIRA, Antonio Celso. A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi; De LUCA, Tãnia Regina. *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2015. p.61-91.

GOMES, Angela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

LAJOLO, Marisa. *Romance epistolar: o voyeurismo e a sedução dos leitores*. Rio de Janeiro: Matraga, v. 1, n. 14, p. 61-75, jan-dez. 2002.

MOLINA, Rodrigo Sarruge. História da Educação Agrícola no Brasil: educação do campo versus educação ruralista | The History of Agricultural Education in Brazil: Countryside education versus landholder education. *Revista de Educação PUC-Campinas*, *[S. l.]*, v. 24, n. 3, p. 463–476, 2019.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. A imprensa periódica como uma empresa educativa no século XIX. In: São Paulo: *Cadernos De Pesquisa* (Fundação Carlos Chagas), n. 104, p. 144–161, jul. 1998.

PINTO, Gabrielle Carla Mondêgo Pacheco. *Júlia Lopes de Almeida: escritora, mãe e esposa laureada nas páginas de A Violeta (1920-1934)*. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

TELLES, Norma. *Encantações. Escritoras e Imaginação Literária no Brasil*. São Paulo: Intermeios, 2012.

VERÍSSIMO, Erico. *Clarissa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

VERÍSSIMO, Erico. *Um certo Henrique Bertaso*. Pequeno retrato em que o pintor também aparece. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2011.

1. Coluna de 1ª página publicada no jornal *O Paiz* (RJ), ao longo de mais de 20 anos. [↑](#footnote-ref-1)